

Artigo recebido em

31/07/2014

Aprovado em

11/09/2014

BRUNA RENATA

CAVALCANTE DE

BARROS

Universidade de Brasília

– buru.renata@gmail.

com

Mestre em Comunicação

Social pela Universidade

de Brasília, na linha

Jornalismo e Sociedade.

Pesquisa o Novo

Jornalismo e as formas

como o estilo criado nos

Estados Unidos influenciou

os jornalistas brasileiros,

especificamente João

Antônio, um dos

fundadores da revista

Realidade.

“É uma revolução” – Novo Jornalismo e futebol na Belo Horizonte de 1968

Bruna Renata Cavalcante de Barros

Resumo

Criado nos Estados Unidos, nos anos 1960, o Novo Jornalismo é um estilo de escrever reportagens utilizando técnicas literárias. Neste trabalho, a reportagem “É uma revolução”, escrita pelo jornalista João Antônio para a revista *Realidade* em 1968, será objeto de análise para observar como o estilo estadunidense foi absorvido por jornalistas brasileiros durante as décadas de 1960 e 1970. Repórter conhecido e prestigiado à época, João Antônio tinha sua própria maneira de aplicar a ideia do Novo Jornalismo ao texto, imprimindo marcas próprias – e brasileiras – ao estilo descrito por Tom Wolfe.

Palavras-chave

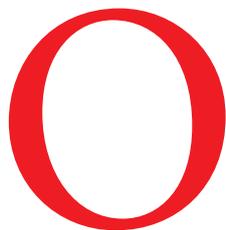
João Antônio, Novo Jornalismo, Estádio Mineirão.

Abstract

Created in the 1960's in the United States of America, the New Journalism is a style of news writing using literary techniques. In the present article, the story “É uma revolução”, written by the Brazilian journalist João Antônio for the magazine *Realidade* in 1968, will be analyzed to observe how the American style has been incorporated by Brazilian journalists during the 1960's. João Antônio was a well-known and prestigious reporter at the time, and had his own particular way of applying the concepts of the New Journalism to the text, imprinting his own – and Brazilian – marks to the style described by the American journalist Tom Wolfe.

Keywords

João Antônio, New Journalism, Estadio Mineirão.



Novo Jornalismo é um estilo de escrever reportagens com técnicas literárias para dar movimento ao texto.

A intenção de quem escreve a reportagem, nesse estilo, é transportar o leitor para dentro da história, por meio da descrição cena a cena, do registro de diálogos, do detalhamento de hábitos e costumes e da transferência do foco narrativo para diferentes personagens. O objetivo é que os textos jornalísticos possam ser lidos como romances. Entre os expoentes do estilo, pode-se destacar os nomes de jornalistas como Tom Wolfe e Gay Talese, além de escritores como Truman Capote e Norman Mailer.

No Brasil, os veículos onde é possível verificar maior influência desse estilo foram a revista *Realidade*, editada pela Editora Abril entre 1966 e 1976, e o *Jornal da Tarde*, fundado no mesmo ano. Nos dois casos, verificam-se as características literárias do estilo estadunidense e constata-se que um certo tipo de jornalismo, com ênfase na apuração e na qualidade do texto, podia ser realizado. João Antônio, um dos fundadores de *Realidade*, é um jornalista cujas produções como repórter e como escritor sempre estiveram ligadas. Isso pode ser comprovado pela publicação em livro de diversas reportagens, como as obras *Malhação do Judas Carioca* (1975) e *Casa de Loucos* (1976). Este artigo propõe-se a analisar a reportagem “É uma revolução”, publicada na revista *Realidade* em 1968, para explorar as características do Novo Jornalismo.

De acordo com Alceu Amoroso Lima (1960, p. 18), o jornalismo pode ser considerado um gênero literário, conceituando-se gênero como “um tipo

de construção estética determinada por um conjunto de disposições interiores em que se distribuem as obras segundo as suas afinidades intrínsecas e extrínsecas”. José Marques de Melo (1994, p. 64-65) propôs uma divisão entre Jornalismo Informativo (Nota, Notícia, Reportagem e Entrevista) e Jornalismo Opinativo (Editorial, Comentário, Artigo, Resenha, Coluna, Crônica, Caricatura e Carta), de acordo com a intencionalidade dos relatos e da natureza da estrutura dos textos. Os gêneros informativos dependem da relação entre jornalistas e protagonistas das notícias (personalidades ou organizações). Nos gêneros opinativos, os elementos determinantes estão vinculados ao controle da instituição jornalística: trata-se da autoria e da angulação (perspectiva que dá sentido à opinião). Com base na classificação proposta por Melo, o gênero estudado neste artigo é a reportagem. “A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística” (MELO, 1994, p. 65).

Para Nilson Lage (1979, p. 83), a reportagem é difícil de definir enquanto estilo de texto.

Compreende desde a simples complementação de uma notícia – uma expansão que situa o fato em suas relações mais óbvias com outros fatos antecedentes, consequentes ou correlatos – até o ensaio capaz de revelar, a partir da prática histórica, conteúdos de interesse permanente.

Na visão de Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986, p. 11), a reportagem é uma narrativa que não é regida pelo imaginário e pela ficção, mas pela realidade factual do dia a dia. Para eles, a reportagem “é uma extensão da notícia e, por excelência,

a forma narrativa do veículo impresso”. Na visão de Antônio Olinto (2008), jornalismo é “literatura sob pressão”. Neste trabalho, a reportagem será considerada um relato ampliado de um acontecimento real, a narrativa de um fato que incluía suas relações com outros fatos anteriores, consequentes ou correlatos àquele acontecimento.

O Novo Jornalismo

Entre as décadas de 1940 e 1960, grande parte dos jornalistas americanos trabalhavam nas redações, como forma de obter seu sustento e dedicar-se à literatura no tempo livre. Nos anos 1960, a geração *beat*¹, o movimento *hippie*, a luta pela universalização dos direitos civis, o consumo de drogas e o amor livre foram bandeiras de uma geração. Essa “grande efervescência das transformações culturais, comportamentais e culturais da contracultura e correntes paralelas – como a consciência negra” (LIMA, 2004, p. 193) foi o pano de fundo para o aparecimento do Novo Jornalismo. Doutor em estudos americanos pela Universidade de Yale, Tom Wolfe sistematizou o conceito que mesclava literatura e jornalismo, no livro *O Novo Jornalismo*, publicado pela primeira vez em 1973. O Novo Jornalismo pode ser definido como um estilo de escrever notícias que usava técnicas literárias. Neste trabalho, será utilizada a edição brasileira do livro, intitulada *Radical Chic e o Novo Jornalismo*, publicada em 2005 pela editora Companhia das Letras. O surgimento desse estilo se assemelha à eclosão do romance realista no século XVIII. Corrente literária do fim do século XIX e início do século XX, o Realismo marcou a aproximação entre o romance e

a realidade, com a recriação, na ficção, de retratos minuciosos do mundo em que os escritores viviam. Fenômeno semelhante ocorreu com o Novo Jornalismo, por meio do qual os jornalistas que aderiram ao estilo procuravam apreender a realidade.

No Novo Jornalismo, mais do que a rotina comum de apuração de fatos, o jornalista vivia o universo retratado, para dar mais realismo às reportagens. Entre as técnicas para humanizar os textos também estavam: 1) a transcrição de diálogos inteiros; 2) a reconstrução de cada cena; 3) a anotação de costumes e; 4) a narração em terceira pessoa. “Era a descoberta de que é possível na não ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialoguismos tradicionais do ensaio ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, ou dentro de um espaço relativamente curto...” (WOLFE, 2005, p.28). A proposta seria romper com o *establishment*, com valores e modos de vida. O Novo Jornalismo retratava tudo com vivacidade e calor. “À objetividade da captação linear, lógica, somava-se a subjetividade impregnada de impressões do repórter, imerso dos pés à cabeça no real” (WOLFE, 2005, p. 28).

O jornalista norte americano Gay Talese trabalhou no *The New York Times* entre 1956 e 1965. É um dos criadores do Novo Jornalismo e autor do famoso perfil “Frank Sinatra está resfriado”, publicado na *Esquire* em abril de 1966. Em entrevista à *Folha de São Paulo* (2009), resumiu a essência do estilo: “Meu jornalismo não era centrado nas notícias de última hora, e não tinha um limite de tempo, porque eu sempre insisti em levar todo o tempo necessário para pesquisar sobre as pessoas sobre quem escrevia (ou eu não escrevia sobre elas)”. Com o Novo Jornalismo,

¹ Norte-americanos, principalmente artistas e escritores, que subscreveram um estilo de vida anti-materialista.

surgiria um novo tipo de reportagem, mais intensa, detalhada e exigente em termos de tempo. Os jornalistas passavam semanas com as pessoas sobre as quais escreviam. “Com mergulho e envolvimento total nos próprios acontecimentos e situações, os jornalistas tentando viver, na pele, as circunstâncias e o clima inerente ao ambiente de seus personagens” (LIMA, 2004, p. 122). Tom Wolfe (2005) citou o prefácio do livro *O Reino e o Poder*, onde Gay Talese afirma que o Novo Jornalismo é verdade, ainda que possa ser lido como ficção, e para isso o repórter tem que ter uma abordagem mais “imaginativa”. Segundo ele, o escritor pode aí se intrometer na narrativa, caso queira, ou assumir o papel de observador imparcial. Essa forma tinha algumas técnicas a serem seguidas, “procedimentos básicos” na classificação de Tom Wolfe. “A ideia era dar a descrição objetiva completa, mais alguma coisa que os leitores sempre tiveram de procurar em romances e contos: especificamente, a vida subjetiva ou emocional dos personagens” (WOLFE, 2005, p. 195).

Na produção de reportagens do estilo podem ser destacados recursos emprestados das técnicas de escrita literária do realismo social de escritores como Charles Dickens, Honoré de Balzac, Henry Fielding e Nikolai Gógol. Do romance realista o Novo Jornalismo imita pelo menos uma técnica: retratos o mais fieis possíveis da própria realidade. São quatro os recursos sistematizados por Wolfe:

Construção cena a cena - Recorrer o mínimo possível à reconstituição histórica dos acontecimentos e descrever cada cena ajuda o autor a cadenciar e ordenar os fatos. Com isso, ele consegue a atenção do leitor e o cativa para tomar parte na história. Para

obter sucesso nessa estratégia, é preciso observar os três procedimentos seguintes:

Registro dos diálogos completos - Escritores de revista perceberam que, assim como na literatura de ficção, o diálogo realista é a forma mais eficaz para segurar o leitor. Os diálogos completos não são somente conversas longas, em que o jornalista registra até as pausas para respiração. São também trechos curtos, em que interjeições e até suspiros são importantes. Trata-se de dar importância a trechos que ajudam a colocar o público dentro do acontecimento mas que, no jornalismo convencional, seriam suprimidos para economizar palavras e espaço.

Ponto de vista da terceira pessoa - Apresenta cada cena por meio de um personagem particular. O leitor é colocado “na pele” dos personagens, dando-lhe a impressão de viver a cena descrita. Ainda que o texto seja todo narrado em terceira pessoa, há uma nítida alternância de pontos de vista: a cada momento, a história é contada pela perspectiva de um personagem diferente.

Registro de hábitos e costumes - O retrato dos personagens inclui o da sociedade em que viviam. Desde gestos até a mobília, passando pelo comportamento dos filhos e a manutenção da casa, são detalhes que conferem realismo ao texto, pois expressam, sobre cada personagem, “sua posição no mundo ou o que ela pensa que é seu padrão ou o que gostaria que fosse” (WOLFE, 2005, p. 56).

Novo Jornalismo no Brasil

Quando o Novo Jornalismo chegou às redações brasileiras nos anos 1960, duelavam a repressão do regime militar e as ideias libertárias do movimento contracultura, o amor livre e o feminismo.

O surgimento de *Realidade* e do *Jornal da Tarde*, em 1966, provocou mudanças no perfil jornalístico nacional. As duas publicações traziam modos inovadores de praticar o discurso jornalístico – buscavam uma interpretação mais profunda dos problemas brasileiros, com atenção especial ao texto. Na interpretação do pesquisador José Salvador Faro (1999, p. 70), o tipo de texto adotado por essas e outras publicações da época respondeu a “causas encontradas no desenvolvimento da própria imprensa brasileira e na evolução do nível de realismo crítico provocado pela conjuntura político-cultural que absorve a intelectualidade nos anos 60”. O *Jornal da Tarde*, do Grupo Estado, inovava na paginação, nas fotografias e mostrava que é possível fazer um texto mais elaborado no jornalismo diário, com grandes reportagens publicadas em série: “marcou sua imagem nesta forma de angular o fato jornalístico, daí as figuras reais, de caráter informativo, aparecerem como personagens de ficção e o relato dos fatos se transformar numa narrativa cena por cena das situações vividas por esses tipos” (MEDINA, 1988, p. 116).

A revista *Realidade* se propunha trazer um retrato do Brasil a cada edição. O estilo do veículo se aproximou do Novo Jornalismo em vários aspectos: tinha como base a grande reportagem, e a apuração das matérias era, muitas vezes, um trabalho que envolvia os repórteres durante meses. O texto bem-cuidado de *Realidade* rompeu com as formas do jornalismo brasileiro tradicional. A equipe fundadora da revista era formada por nomes importantes do jornalismo brasileiro à época. Foram instituídas novas funções, que até então não existiam em redações brasileiras, como a de editor de texto, ocupada por

Sérgio de Souza. Paulo Patarra era o editor chefe. Entre os repórteres, nomes como Roberto Freire, Carlos Azevedo, Luiz Fernando Mercadante, José Hamilton Ribeiro, João Antônio. O número zero, lançado em 1965 para testar se o produto seria viável e angariar anunciantes obteve sucesso: mais de 250 mil exemplares esgotados. Até então não havia no mercado brasileiro uma revista com periodicidade mensal voltada para reportagens. A primeira edição oficial da revista chegou às bancas em abril de 1966, com Pelé na capa usando o *busby*, chapéu dos guardas da rainha da Inglaterra, em uma alusão à Copa do Mundo daquele ano. A equipe fundadora soube se articular para promover uma combinação que supriria a demanda por reportagens, com escolhas temáticas que refletiam a urbanização do Brasil, as transformações dos anos 1960, e o foco no texto, minuciosamente discutido e revisado. Aborto, Amazônia, os irmãos Villas Boas, a União Nacional dos Estudantes e a ditadura no Haiti foram alguns dos muitos temas que permearam as páginas da revista.

João Antônio, o Novo Jornalismo e “É uma revolução”

João Antônio Ferreira Filho, paulistano, filho de um motorista de caminhão português com uma mulata carioca, nasceu em 27 de janeiro de 1937, em São Paulo. Ainda com 12 anos de idade, publicou seus primeiros contos no jornal infanto-juvenil *O Crisol*. Começou o curso de jornalismo, e, em 1959, ganhou o concurso de contos de *Última Hora*, em São Paulo. Em 1966, integrou a equipe fundadora da revista *Realidade*. Em 1968, mudou-se para o Rio para trabalhar na

³⁻ Helal e Cabo (2014), também nos apontam que nossos países vizinhos trilharam um caminho recheado de semelhanças e congruências com a nossa edificação de uma identidade nacional através do futebol. Percebe-se que a construção do futebol como identidade nacional, principalmente para designar uma diferenciação ao modelo europeu é visto tanto no Brasil, como em nossos países vizinhos Argentina e Uruguai. Dessa forma, o estilo de jogo sul-americano confrontaria o estilo europeu de jogo.

revista *Manchete*. Foi editor de Cidades em *O Globo* e depois foi para o *Diário de Notícias* em 1973. Assinou uma coluna n' *O Pasquim*, a convite de Millôr Fernandes. Estreou em *Última Hora* como cronista diário em 1976. Escreveu para o *Jornal do Brasil* e colaborou com *O Estado de São Paulo* até a década de 90, quando faleceu. Em sua carreira jornalística e literária, ele se dedicou à temática da degradação e do submundo. Suas reportagens eram carregadas de elementos literários, e as técnicas de apuração jornalística eram fartamente utilizadas na carreira literária de João Antônio. Bulhões (2007, p. 182) observou: “A vivência jornalística é assumida nos termos de uma literatura que incorporará as forças do gênero essencial do jornalismo, a reportagem, no interior de uma expressão esteticamente poderosa”.

No texto de João Antônio é possível encontrar semelhanças com os modelos de narração adotados por jornalistas estadunidenses: ele é um observador e em muitos momentos utiliza linguagem próxima à dos personagens e universos do submundo que retrata habitualmente. João Antônio escreveu oito textos para *Realidade*, entre 1967 e 1971. A sexta reportagem dele elaborada para a revista é intitulada “É uma revolução” (ANTÔNIO, 1968). Trata-se do relato de uma partida de futebol entre Atlético e Cruzeiro, no Estádio Magalhães Pinto – o Mineirão – em Belo Horizonte. A reportagem ocupa as páginas 100 a 116 da revista. A abertura é uma foto da torcida no Mineirão em página dupla, de autoria do fotógrafo Jorge Butsuem. São oito páginas de texto, e uma única ilustração se repete em todas elas: um selo em preto-e-branco da foto que abre a reportagem, no canto superior esquerdo de cada página. As demais páginas são

ocupadas por anúncios. Posteriormente, a reportagem foi republicada no livro *Malhação do Judas Carioca* (1975) com algumas modificações.

João Antônio escreve sobre a construção do estádio Mineirão e a influência do local nas opções de lazer do belo-horizontino, a rotina do torcedor, a violência entre as torcidas, o esporte como negócio capitalista, a estrutura econômica que gira em torno do esporte mais popular do país e até a condição da mulher, além da partida em si. A presente análise está organizada a partir dos procedimentos do Novo Jornalismo, seguidos pelas influências do modelo editorial da revista *Realidade* no resultado final da reportagem.

Construção cena a cena

João Antônio coloca os acontecimentos de “É uma revolução” numa sucessão retilínea de ações que se relacionam com a partida entre Cruzeiro e Atlético. A primeira cena de “É uma revolução” começa com xingamentos: um homem chama o outro de “refrigerado”, o outro responde gritando que o “Galo é freguês”. Em seguida, João Antônio explica o clima de ansiedade que os moradores de Belo Horizonte vivem às vésperas do clássico jogo entre os principais times de Minas Gerais:

Faz mais de uma semana que a cidade, dia-a-dia, vem esquentando pelos jornais, pelo rádio, pela televisão e pela boca do povo nas ruas, uma velha rixa, a maior de Belo Horizonte. Essa raiva explodirá domingo à tarde. Até lá, todos se preparam.
- Gaaallô! (ANTÔNIO, 1968, p. 103).

Na segunda cena da reportagem, continua a narração da expectativa em torno do jogo. João Antônio descreve o

ambiente do “Bico de Lacre”, nas palavras dele, um misto de cabaré, restaurante e casa de chope. Ali, “tipos marginalizados, anônimos, homossexuais, prostitutas, estão ao lado de don-juans melancólicos e homens que bebem sozinhos, calados.” (ANTÔNIO, 1968, p. 103). Neste trecho, João Antônio insere, na reportagem sobre o futebol, o submundo dos cabarés que ele gostava de utilizar como cenário para as histórias. A provável intenção dele foi mostrar que todos na cidade, até os marginais, estavam envolvidos com o jogo do dia seguinte, conforme relatado: “Alguém liga a televisão, que agora mostra futebol; antecipa o que virá amanhã. Então, todos os olhos vão para o vídeo e homens e mulheres parecem sair de dentro de si, para viver, afinal, algo coletivo.” (ANTÔNIO, 1968, p. 103).

Às nove horas do dia seguinte diferentes grupos se aproximam para assistir ao jogo: “Chegam torcedores com bandeiras e chegam famílias inteiras acompanhadas de suas babás. Carrinhos se agrupam nas entradas do Mineirão, para vender garapa, frutas, pipoca, amendoim e muita carne de porco – traço típico da terra.” (ANTÔNIO, 1968, p. 105). Há também grupos maiores de torcedores: “Chega um ônibus carregado de cabeças curiosas e morre-não-morre na subidinha meio rampa, rumo ao estádio. O menino maltrapilho se agarra atrás, para pegar uma rabeira. Mas não aguenta.” (ANTÔNIO, 1968, pp. 105 e 107).

O jornalista abre uma retranca² no texto para explicitar o horário – “Dez-onze horas” (ANTÔNIO, 1968, p. 107). A ação agora está localizada nos momentos que antecedem a missa que o bispo auxiliar da cidade, um atleticano, realizaria no estádio antes da partida. Novamente o tempo

transcorrido no relógio é a marcação para a sequência de fatos: “Trinta minutos antes da missa, com ar pensativo, Dom Serafim olha as maquetas do Mineirão.” (ANTÔNIO, 1968, p. 107). A próxima cena ainda traz a expectativa para o jogo: “Quando o juiz soprar o apito, estará em jogo a sorte de dois partidos políticos, os mais fortes de Minas Gerais – o Atlético e o Cruzeiro. Por enquanto, dura a espera.” (ANTÔNIO, 1968, p. 111). Essa espera termina algum tempo depois, às quatro horas, com a entrada dos dois times em campo, na cena seguinte:

Entra em campo o Cruzeiro, debaixo de fogos, confete, um mar azul de bandeiras. Mas o barulho só ensurdece mesmo, ganha a loucura, quando as bandeiras preto-e-brancas se agitam nervosas, tomando tudo: são os onze jogadores do Atlético que apontam na boca do túnel. (ANTÔNIO, 1968, p. 112).

Com os times em campo, João Antônio relata a ação fora do gramado, na cena seguinte, com uma confusão generalizada nas arquibancadas que teve como consequência vários feridos encaminhados ao posto médico: “Um funcionário estadual sofreu colapso cardíaco e outro levou uma cadeirada no joelho. Mais de dez moças e mulheres estão sendo atendidas no posto central, a maioria desmaiada.” (ANTÔNIO, 1968, p. 114). O jogo segue: “Djalma Dias amacia uma bola na coxa, lá no gramado” (ANTÔNIO, 1968, p. 114), e a tensão aumenta: “O bojo do Mineirão está arfando. [...] Sente-se, no ar, que a torcida parece achar que o jogo não deveria ter começado nunca e, já que começou, não deveria chegar ao final.”

A partir deste ponto, a história sai do estádio, e o repórter passa a descrever as pessoas que acompanham a partida da rua

2- Retranças são títulos inseridos no texto jornalístico para dividir os assuntos e facilitar a leitura.

pelo rádio. “Enquanto ferve o Mineirão, Belo Horizonte se esvaziou quase toda. Ruas, praças, centros e bairros fazem silêncio para ouvir a impositação de voz dos locutores esportivos.” (ANTÔNIO, 1968, p. 114). A rua vazia denuncia que todos estão atentos à partida: “Um gol. Nas casas e apartamentos há alegria, abraços, o vozerio aumenta. Os torcedores dizem palavrões, xingados de corpo e alma” (ANTÔNIO, 1968, p. 114). O desfecho da partida se aproxima, e a reportagem termina com o despertar de um garoto cruzeirense que, ao provocar um grupo de atleticanos, levava um tiro, fora encaminhado ao hospital e se salvou depois de uma operação. “Duas horas depois, lúcido, perguntou com aflição: – Quem ganhou?” (ANTÔNIO, 1968, p. 116).

Ainda que João Antônio tenha descrito muito do que se passou no jogo, o desfecho deixa claro que o foco principal da reportagem não é o que acontece dentro de campo, mas o entorno da ação, os hábitos e os costumes ligados ao esporte favorito dos brasileiros. A impressão para o leitor é de ler um conto sobre uma partida de futebol, ou ainda, um roteiro de filme. Esse é um procedimento do Novo Jornalismo trazido da literatura. “No conto, na novela e no romance linear, o tempo escoia como se o ficcionista pudesse cronometrar todas (ou quase todas) as ações dos personagens, minuto a minuto, hora a hora, dia a dia.” (MOISÉS, 1999, p. 103). De acordo com Maria Helena Ferrari e Muniz Sodré (1986, p. 95, grifos dos autores), a questão do tempo no conto-reportagem exige mais cuidado do redator no momento da construção do texto. “Será preciso usar com habilidade cortes na narração, para aumentar a expectativa do leitor – o que

retarda o tempo; por outro lado, deverá haver momentos de aceleração, tomados de empréstimo à *action story*”³. Em “É uma revolução”, João Antônio acelera e desacelera o tempo ao longo do texto e, por meio desse recurso, envolve o leitor no clima de expectativa, ao misturar momentos de expectativa e de ação, tensão contida e explosão de sentimentos.

Registro de hábitos e costumes

“É uma revolução” está recheada de traços da cultura brasileira, pois o futebol é uma das manifestações culturais mais emblemáticas do país. É possível identificar, em diversos trechos, o procedimento de descrição de hábitos e costumes, característico do estilo Novo Jornalismo. A construção de um grande estádio de futebol na capital mineira teria operado mudanças profundas na rotina dos moradores. “Ajudando leitores a vencer o sem-que-fazer dos sábados e domingos, os jornais publicavam roteiros turísticos. Mas sempre aconselhavam as mesmas coisas.” (ANTÔNIO, 1968, p. 103 e 105). O novo estádio acirrou a rivalidade entre as duas torcidas. “Não foi um desastre de automóvel envolvendo um bancário e um comerciário – foi um atleticano que atropelou um cruzeirense.” (ANTÔNIO, 1968, p. 107). O jornalista destaca ainda a fama introspectiva dos mineiros. “Está, numa partida de futebol, a maior e possivelmente única válvula de um povo calado, crispado, desconfiado.” (ANTÔNIO, 1968, p. 107). A nova arena influenciaria até o conteúdo dos filmes produzidos na cidade: “Alunos da Escola Superior de Cinema da Universidade Católica sentem a necessidade de levar os personagens de seus filmes para o Mineirão porque, se o personagem é

3- Sodré e Ferrari (1986, p. 52) definem a *action story*, ou reportagem de ação, como um relato movimentado que parte do fato mais atraente para a exposição dos detalhes. O importante nessas reportagens é envolver o leitor na visualização das cenas, como em um filme.

de Belo Horizonte ele vai ou já foi ao Mineirão” (ANTÔNIO, 1968, p. 111).

João Antônio nota que o esporte une pessoas de diferentes estratos sociais – cada um com sua torcida. O repórter menciona o ponto conhecido como Esquina dos Milhões, em que se concentravam “grupinhos de dois, três homens que, de comum, tratam de assuntos ligados a

“É uma revolução” está recheada de traços de uma cultura brasileira

dinheiro, política e futebol, misturando arrivistas, homens públicos ou apenas executivos, paletó e gravata, comerciários, vendedores de bilhetes de loteria” (ANTÔNIO, 1968, p. 103). Durante o jogo, ricos e pobres também se misturam, numa emoção única compartilhada por todos:

Gente rica e dona de cadeira cativa, preferindo o sacrifício e o desconforto da arquibancada para ficar junto à massa e ao calor humano. O sol está queimando, mas o atleticano resiste, sua a camisa. Há bermudas e até *shorts*. As mulheres se misturam – mocinhas, velhas, prostitutas. (ANTÔNIO, 1968, pp. 112 e 114).

Ainda assim, diferenças sociais entre as torcidas persistiam. João Antônio reforça a ideia de que o Atlético Mineiro é um time de massa, enquanto o Cruzeiro seria mais elitista. Os alvinegros teriam dificuldades de pronunciar o nome do time. “Há certo embaraço para pronunciar a palavra Atlético, que costuma sair *Atrético*, *Atrétz* e até *Acrésio*. [...] Massa é a torcida Atleticana, pelo que contém de multidão, maior número e povo-povo” (ANTÔNIO, 1968,

p. 107). Na mesma página, João Antônio esclarece que, para sua torcida, o Cruzeiro não é um clube, mas uma Academia. “Não tem presidente; tem reitor, catedráticos e acadêmicos”. A rivalidade descambava para a violência – no estádio e fora dele. Torcedores adversários, ao atravessar uma das torcidas, tinham seus pertences arrancados e destruídos. “Para escapar, tem que correr uns 30 metros debaixo de murros, pontapés, pauladas, tudo. Se cair, provavelmente será batido até morrer.” (ANTÔNIO, 1968, p. 114).

Uma das maneiras de registrar hábitos e costumes utilizados pelos novos jornalistas era descrever maneiras próprias de um povo falar, suas gírias e expressões. João Antônio registra uma das muitas mudanças a que o Mineirão teria dado origem, na crônica esportiva da cidade. “Ficou mais inventiva, criou um vocabulário, logo assimilado pelo povo.” (ANTÔNIO, 1968, p. 107). João Antônio exemplifica: *cabeça de bagre* (o mau juiz), *despingolar* (sair correndo), *tá no filó* (gol, bola na rede), eram alguns desses termos. O apontamento de hábitos e costumes é um recurso utilizado até hoje para a humanização dos relatos de repórteres. Ele é mais frequente em grandes reportagens em que o foco está em alguém ou em um grupo de pessoas. Humanizar uma reportagem é útil para o repórter porque o interesse humano é um importante valor-notícia. Os valores-notícia “representam a resposta à seguinte pergunta: quais acontecimentos são considerados suficientemente interessantes, significativos, relevantes para serem transformados em notícia?” (WOLF, 2005, p. 202). A importância do interesse humano entre os demais valores-notícia é que “os grandes e pequenos

dramas individuais e coletivos têm público certo” (JORGE, 2008, pp. 33-34).

Registro de diálogos completos

Um terceiro recurso do Novo Jornalismo, o registro de diálogos inteiros, é utilizado em dois pontos da reportagem. Primeiro, uma conversa entre o bispo auxiliar da cidade, Dom Serafim, e o presidente do Conselho de Administração do Estádio:

– O senhor sabe que o Natal (ponta do Cruzeiro) ganhou três milhões na loteria, sexta-feira?

O bispo faz que não com a cabeça. Não sabe de coisa alguma.

– Pois é. Ganhou com um bilhete do Galo, terminação 51. Como a gente sabe, toda sexta-feira, antevéspera do jogo Atlético e Cruzeiro, só dá galo na loteria.

Dom Serafim não esconde a contrariedade:

– Dar galo na loteria não adianta. Quero ver dar Galo é lá no campo.

O comentário é triste, seco, descoroado, de quem não acredita mais numa vitória do seu time. (ANTÔNIO, 1968, p. 107).

João Antônio repete o procedimento na sequência de provocações e respostas entre as duas torcidas. O fato que dá início aos gritos é a entrada do goleiro do Cruzeiro, Raul, em campo. O jogador tem cabelos compridos, e as torcedoras atleticanas, em um gesto de ironia, assoviam e gritam:

– Wanderléa, Wanderléa⁴!

As mulheres cruzeirenses, em coro, respondem à provocação, glorificam Raul:

– Liin-doooô!

A consagração levanta novo ataque atleticano:

– Refrigerados! Refrigerados!

Mas os cruzeirenses respondem:

– Cachorrada! Cachorrada! (ANTÔNIO, 1968, p. 112).

O registro de diálogos completos, nos dois casos, acentua no texto a rivalidade

entre Cruzeiro e Atlético, e toda a tensão que cerca um domingo de clássico em Belo Horizonte.

Algumas das características do padrão editorial da revista devem ser registradas na reportagem. Um exemplo é a inclusão da opinião de especialistas e dados de institutos de pesquisa sobre os mais variados assuntos. Em “É uma revolução”, João Antônio lança mão desse recurso para explicar a forte rixa entre as duas torcidas: “Para o psiquiatra Paulo Saraiva, o desespero coletivo, as brigas e as turras das partidas Cruzeiro *versus* Atlético têm como principal motivo a necessidade de purgação do sentimento de culpa geral” (ANTÔNIO, 1968, p. 107). Em outro ponto, João Antônio também usa a opinião de um especialista para explicar o comportamento das pessoas no ambiente de tensão constante no estádio. Desta vez, o assunto são as agressões verbais: “Sobre o palavrão, já falou um psicólogo: – O espectador de futebol deve falar o palavrão, senão pode chegar ao enfarte.” (ANTÔNIO, 1968, p. 112).

O aparecimento do estádio como nova opção de diversão também é analisado no texto. Para os sociólogos, o aumento de interessados em participar de eventos esportivos e de lazer coincide com a mudança social que ocorria na capital mineira durante aquele período: “É a cidade passando de uma sociedade pré-capitalista para uma fase capitalista de relações econômicas e sociais” (ANTÔNIO, 1968, p. 109). A informação é corroborada por institutos de pesquisa: “Pesquisas tipo Ibope dizem que os programas de tevê preferidos atualmente em Belo Horizonte são os *tapes* dos jogos do Mineirão, juntamente com musicais e novelas” (ANTÔNIO, 1968, pp. 109-111).

4- Wanderléa é uma cantora brasileira que se tornou famosa com a *Jovem Guarda*, um programa que passava na TV Record aos domingos.

O aspecto econômico do tema teve espaço na reportagem de João Antônio. Ele dedica várias linhas ao futebol enquanto negócio, motor de uma indústria que gerava cada vez mais riquezas. A construção do estádio, em 1965, exercera influência direta no incremento financeiro do esporte. A renda total dos jogos do Cruzeiro saltara de 18 milhões de cruzeiros velhos, em 1963, para 789 milhões de cruzeiros velhos em 1968. “O Cruzeiro funciona como uma empresa e até os ovos e verduras que os jogadores comem são das galinhas e das hortas do próprio clube.” (ANTÔNIO, 1968, p. 109). A situação econômica do adversário também melhorava com o passar do tempo: o presidente do clube, Carlos Alberto Naves, levou banqueiros para investir no time. Nas palavras dele: “– Quero fazer do Atlético uma indústria. Só que, em vez de vender carros, vamos vender gols” (ANTÔNIO, 1968, p. 109). João Antônio esclarece que a renda de uma partida não se limitava ao preço do ingresso, ou à compra de artigos dos times. O valor gasto no estádio por torcedor durante os jogos também é fator importante dessa soma. “Concluiu-se que cada jogo representa para ele uma despesa de cinco a oito por cento de seu salário que é, quase sempre, o mínimo” (ANTÔNIO, 1968, p. 112).

O comportamento feminino permeou diversas edições da revista *Realidade* entre 1966 e 1968. Durante os anos 1960, a invenção da pílula anticoncepcional ensejou grandes mudanças nas mulheres da época, que começaram a trabalhar e viver com mais independência. Ainda assim, tratava-se de um momento de transição. João Antônio mencionou a questão da mudança nas atitudes femininas na reportagem sobre futebol:

Elas cantam, xingam, vãoam, fumam, choram, usam os palavrões e têm os chiliques que jamais poderiam ter no centro de Belo Horizonte [...] Durante o jogo, têm os mesmos direitos dos homens” (ANTÔNIO, 1968, p. 112).

O estádio é, portanto, um espaço onde as moças têm liberdade para agir de forma diferente da tradicionalmente exigida às mulheres. Lá, é permitido transgredir certos padrões sem ser taxada de “liberada” ou “rebelde”, ainda que somente durante aqueles noventa minutos.

Considerações finais

Conclui-se que em “É uma revolução”, João Antônio utilizou três dos quatro procedimentos básicos do Novo Jornalismo. Mais acentuadamente, nota-se a presença da construção cena-a-cena e do registro de hábitos e costumes. A reportagem começa com os preparativos da véspera da partida e termina duas horas depois do apito final. Essa narração é intercalada com informações sobre o futebol local. O segundo recurso mais usado utilizado pelo jornalista é o registro de hábitos e costumes. É possível perceber o tamanho da paixão dos brasileiros pelo futebol. Em Minas Gerais há uma exacerbação da rivalidade entre Atlético e Cruzeiro porque os dois maiores clubes do estado não têm concorrentes com o mesmo apelo popular. Essa rixa é bastante explicitada na reportagem.

Outro procedimento do Novo Jornalismo presente na reportagem é o registro de diálogos completos. Entretanto, João Antônio usa esse mecanismo apenas em dois trechos, detalhados nesta análise. Não se observou, em “É uma revolução”, o ponto de vista da terceira pessoa. A motivação do jornalista, que mantém

em si próprio a narração, pode ter sido o fato de que um personagem é mais importante do que todos os outros: o estádio Magalhães Pinto, o Mineirão, que serve como representação concreta do futebol no texto. Os torcedores e suas ações compõem esse “personagem”, dão vida a ele. O jogo propriamente dito aparece em poucas linhas ao longo da reportagem.

O perfil editorial de *Realidade*, atenta às mudanças que ocorriam no Brasil da época, a fatores econômicos e sociais, à questão da mulher, tem influência no texto de João Antônio. Isso pode ser percebido na inclusão de trechos dedicados à liberdade

da torcedora, em comparação com a liberdade da mulher, tema recorrente no mundo em 1968, e o destaque conferido ao aspecto econômico do esporte enquanto elemento gerador de riquezas num país que vinha de um contexto de crescimento econômico desde os tempos de JK. O resultado é uma combinação entre o estilo pessoal de João Antônio, as técnicas do Novo Jornalismo para humanização de relatos e as particularidades do modelo de produção da revista *Realidade*: bastante liberdade na escolha de pautas, grandes períodos de apuração e textos extensos e com características literárias.

Referências bibliográficas

- ANTÔNIO, João. É uma revolução. *Realidade*. São Paulo: Ed. Abril, nº 32, nov. 1968.
- _____. Malhação do Judas Carioca. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- _____. Casa de Loucos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.
- FARO, José Salvador. *Realidade, 1966-1968 – tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Canoas: Editora da Ulbra/AGE, 1999.
- JORGE, Thaís de Mendonça. *Manual do foca – guia de sobrevivência para jornalistas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1960.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri, SP: Manole, 2004. 3. ed.
- MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Summus, 1988, 2. ed.
- MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1994. 2. ed.
- MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. São Paulo: Cultrix, 1999, 11ª ed.
- OLINTO, Antonio. *Jornalismo e literatura*. Porto Alegre: Já Editores, 2008.
- PANIAGO, Paulo Roberto Assis. *Um retrato interior: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade*. 2008. 456 p. Tese (Doutorado). Faculdade de Comunicação,

Universidade de Brasília, Brasília. 2008.

SILVA, Mylton Severiano da. Paixão de João Antônio. São Paulo: Casa Amarela, 2005.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

TALESE, Gay. Para Gay Talese, participar da Flip é aprender com brasileiros. Folha Online, 15/06/2009. Entrevista concedida a Teresa Chaves. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u580584.shtml>>. Acesso em 30 jul.2014.

WOLF, Mauro. Teorias das comunicações de massa. São Paulo: Martins Fontes, 2005, 2ª ed.

WOLFE, Tom. Radical Chique e o novo jornalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Estudos em Jornalismo e Mídia está sob a Licença Creative Commons 2.5